

Visão da educação ambiental na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a partir do diagnóstico entre acadêmicos de cursos de formação de professores

Ana Maria Almeida Rosa

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Departamento de Física, Campo Grande, MS.

ana.almeidarosa@yahoo.com.br

Angela Maria Zanon

Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Departamento de Física, Campo Grande, MS.

zanon.ufms@gmail.com

Resumo:

O que se sabe sobre a real atuação das instituições de ensino superior na área ambiental? Como a UFMS percebe e insere a educação ambiental em suas ações? Este trabalho é resultado de uma etapa preliminar do desenvolvimento de dissertação cujo objetivo principal é investigar a realidade da Educação Ambiental em cursos de formação de professores oferecidos pelo *campus* Campo Grande. Para coleta de dados utilizou-se do Teste de Sustentabilidade, da “Plataforma USP”, aplicado a acadêmicos dos cursos pesquisados: Ciências Biológicas e Pedagogia. A análise dos resultados nos fez, cada vez mais, acreditar na importância do investimento nesta própria ação de autoconhecimento e na busca pela inserção da educação ambiental na Instituição. Pode-se perceber o quanto a formação dos acadêmicos está frágil no que se refere a percepção e compreensão da complexidade ambiental. Espera-se que este trabalho possa subsidiar outros estudos e a proposição de ações na Instituição.

Palavras-chave: Educação ambiental, Ensino superior, Sustentabilidade.

Abstract: What is known about the actual performance of higher education institutions in the environmental area? How do UFMS realize and inserts environmental education in their actions? This work is the result of a preliminary stage of development from a research that its main objective is to investigate the reality of environmental education in teacher training courses offered by the *campus* Campo Grande. To collect the information it was used the Test of Sustainability, from the "Plataforma USP", applied to the academic courses surveyed: Biological Sciences and Education. The results made us increasingly believe in the importance of investing in the action of self-knowledge and the inclusion of environmental education in the institution. We could see how fragile is the training of academics on the perception and understanding of environmental complexity. It is hoped that this work can support other studies and proposals for actions in the institution.

Keywords: Environmental Education; Higher education; Sustainability.

INTRODUÇÃO

A experiência universitária é única e riquíssima, na medida em que possibilita, ou deveria possibilitar, um ambiente aberto à troca de informações, debates, construção de pensamentos, ações sociais, políticas, enfim, um contexto propício a apurar e desenvolver um pensamento mais crítico sobre diferentes aspectos da vida, o que não poderia excluir, diante do cenário atual, a temática ambiental.

Benayas, Alba e Sánchez (2002) descrevem a importância da atuação da universidade diante de tal situação:

Más allá, la Universidad, como institución dedicada a la aportación de conocimientos y técnicas a través de la investigación y la docencia, debe desempeñar un papel protagonista en la difusión de posibles soluciones y alternativas a los problemas ambientales a los que se enfrenta la sociedad actual. Las vivencias y experiencias de las personas que pertenecen a la comunidad universitaria (estudiantes, profesores y personal de administración y servicios) son de gran importancia para el desarrollo y construcción de sus escalas de valores y comportamientos ambientales. Así, **la ambientalización universitaria no sólo ofrece ejemplos a otras instituciones sino que desempeña una función educativa informal de los futuros profesionales al estar ofreciendo y transmitiendo nuevas pautas y conductas pro-ambientales.** (BENAYAS, ALBA, SÁNCHEZ, 2002, grifo nosso)

O debate sobre as questões socioambientais nas Instituições de Ensino Superior (IES) é visto, portanto, como item essencial e vem sendo realizado e amplamente incentivado por diversos pesquisadores e pensadores contemporâneos das questões ambientais.

Em estudo pioneiro nesta área, elaborado pela Rede *Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores* (Rede ACES), em 2002, a partir de uma parceria com diferentes instituições de ensino e pesquisa de países europeus e da América Latina, intitulado *Programa de Ambientalización Curricular de los estudios superiores – Diseño de intervenciones y análisis del proceso* (JUNYENT, GELI, ARBAT, 2004), muitos assuntos referentes a esta temática foram colocados em discussão.

No Brasil, estudos relacionados a ambientalização do ensino superior surgiram a partir do desafio de se implementar a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 2007) e vem sendo desenvolvidos a partir de algumas iniciativas como as ações da Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis (RUPEA), os Seminários “Sustentabilidade na Universidade” promovidos pela Universidade de São Paulo em parceria com a Universidade Autônoma de Madrid (2007, 2009, 2011), e outras.

Entre estes estudos pode-se citar como marco referencial a pesquisa intitulada “Mapeamento da Educação Ambiental em Instituições Brasileiras de Educação Superior: elementos para discussão sobre políticas públicas”, realizada pela RUPEA, em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Ambiental (CGEA) / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). (BRASIL, 2007).

Tal pesquisa contou com a participação de 14 instituições públicas e oito privadas, em 11 estados brasileiros, resultando em um diagnóstico importante para

subsidiar a elaboração de políticas públicas de educação ambiental para o ensino superior.

Entre as prioridades identificadas nesta ocasião estão:

- A institucionalização da Educação Ambiental (EA) na educação superior, incluindo “(...) medidas e instrumentos de ambientalização das Instituições de Ensino Superior, em todas as suas esferas de atividade (ensino, pesquisa, extensão e gestão).” (BRASIL, 2012a)
- Os efeitos sobre a dinâmica institucional, “(...) contemplando as modalidades de inserção da EA nas IES (transversalidade, interdisciplinaridade, complexidade, multiculturalismo, colaboração intra e interinstitucional etc) (...)” (BRASIL, 2012a)
- A produção de conhecimentos em EA e formação de pessoal especializado: demandando a “(...) instituição de espaços de capacitação de gestores universitários e de formação de educadores ambientais e especialistas em EA que atendam tanto à demanda interna das IES como à externa.” (BRASIL, 2012a)

Vemos que embora a política de educação ambiental esteja estabelecida, com embasamentos legais, para ser desenvolvida em todos os níveis e modalidades de ensino, incluindo o ensino superior, e que a partir de alguns anos o tema tenha obtido significativa valorização tanto no âmbito acadêmico como nas políticas públicas, pode-se afirmar que ações efetivas de inserção desta temática nos diferentes cursos de graduação no Brasil ainda são pequenas e não fazem parte do cotidiano da vida acadêmica (SOARES et al., 2007).

De acordo com o parecer homologado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental:

No âmbito da Educação Superior, a Educação Ambiental está pouco presente nas Diretrizes Curriculares para as Graduações, merecendo que as normas e diretrizes da Câmara de Educação Superior, orientadoras das diversas ofertas de formação em nível superior, venham a incorporar indicações sobre a sua inclusão nos seus diferentes tipos de cursos e programas. (BRASIL, 2012a)

Pode-se considerar que a dificuldade de implementação desta prática decorre em grande parte da incompatibilidade de realidades entre o que é estabelecido em lei e o que de fato existe nas Instituições de Ensino Superior:

(...) uma estrutura curricular rígida e organizada por disciplinas (associadas a domínios lingüísticos especializados) que não favorece a articulação dos conhecimentos e sua fertilização recíproca, nem o diálogo com a realidade social, limitando-se, em geral, a responder às demandas de um mercado de trabalho sempre mais competitivo e especializado. (PAVESI, FARIAS e OLIVEIRA, 2006)

Contudo, o desafio para as Universidades está lançado: “As instituições de Educação Superior devem promover sua gestão e suas ações de ensino, pesquisa e extensão orientadas pelos princípios e objetivos da Educação Ambiental.” (BRASIL, 2012b) e, enfrentá-lo torna-se demasiadamente importante, visto que:

(...) formadores e graduandos partilham do repensar sobre as práticas educativas nos demais níveis de ensino e, numa perspectiva mais

ampla e ambiciosa, na redefinição das próprias políticas e diretrizes, nas diferentes esferas governamentais. (SOARES et al., 2007)

E assim chegamos ao entendimento da Universidade como um espaço educador sustentável, conceito que é considerado nesta pesquisa e que vem sendo fortalecido desde o Plano Nacional sobre Mudança do Clima (2007), o estabelecimento da Educação Integral (2010), e mais recentemente pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

De acordo com este último documento, espaços educadores sustentáveis são aqueles concebidos:

(...) com a intencionalidade de educar para a sustentabilidade socioambiental de suas comunidades, integrando currículos, gestão e edificações em relação equilibrada com o meio ambiente, tornando-se referência para seu território. (BRASIL, 2012b)

Como sensibilizar os estudantes a agirem em suas vidas pessoais e profissionais de forma ambientalmente propositiva se a sua vivência universitária não estimula e não proporciona esta experiência?

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), maior Instituição de Ensino Superior do estado – ofertando atualmente cento e dois cursos de graduação (noventa e quatro presenciais e seis a distância) e trinta cursos de pós-graduação (vinte e dois de mestrado e oito de doutorado) (UFMS, 2011a) – ainda não possui registro formalizado ou estruturado de qualquer estudo no âmbito da sustentabilidade da Instituição.

Sabe-se que existem algumas iniciativas já realizadas como a linha de pesquisa em Educação Ambiental, no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia; o curso de extensão à distância em Educação Ambiental: Escolas Sustentáveis e Com-Vida, ofertado em parceria com a Coordenação-Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação; a especialização à distância em Educação Ambiental; o Grupo de Estudos e pesquisa em Educação Ambiental e Gestão Ambiental, entre outras. Contudo, esta é uma visão fragmentada e restrita a um grupo de educadoras do universo que compõe a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nesse contexto, considerando a importância de uma caracterização preliminar da realidade local para fornecer um mapeamento das condições atuais, das demandas mais urgentes e das possíveis formas de intervenção, o presente estudo propõe investigar a realidade socioambiental da Instituição a partir de um diagnóstico participativo.

Qual a percepção e atuação da comunidade acadêmica com relação ao ambiente da universidade, com relação à sustentabilidade socioambiental do *campus*? Como a participação em um diagnóstico socioambiental pode contribuir para a sensibilização sobre as realidades, potencialidades e problemáticas da universidade? Como este processo pode estimular o encadeamento de pensamentos e ações nas práticas acadêmicas?

Como foco deste estudo foram escolhidos dois cursos de formação de professores oferecidos pela Instituição: Ciências Biológicas – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e Pedagogia – Centro de Ciências Humanas e Sociais.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

A UFMS foi instituída no ano de 1979, por meio da Lei Federal nº 6.674, de 05 de julho de 1979, a partir da federalização da então Universidade Estadual de Mato Grosso (Uemt). Agregou, portanto, todas as unidades educacionais integrantes desta Instituição (UFMS, 2011a):

- Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande, criado em 1966, formado pelas Faculdades de Farmácia, Odontologia e Medicina.
- Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá, criado em 1967.
- Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas, criado em 1967.
- Centro Pedagógico de Aquidauana, criado em 1970.
- Centro Pedagógico de Dourados, criado em 1970.

Assim como Santos (1995), destacamos uma característica bastante específica da UFMS: “(...) [ela] já nasceu geograficamente descentralizada.”, o que facilitou acesso e beneficiou a população sul-mato-grossense como um todo.

E ainda beneficia, não apenas os cidadãos do estado, mas também aqueles dos estados e países vizinhos, atendendo a uma demanda

(...) em todo o Estado de Mato Grosso do Sul, parte do Oeste do Estado de São Paulo e uma boa parcela dos Estados de Mato Grosso, de Goiás, de Minas Gerais e do Paraná, além de países com que nosso Estado faz fronteira (Paraguai e Bolívia) (UFMS, 2012)

Atualmente, a UFMS é composta por nove unidades setoriais acadêmicas, sendo três Centros, cinco Faculdades e uma Coordenadoria mantidas na sede, em Campo Grande, e outras 10 unidades setoriais no interior do estado (UFMS, 2012).

Unidade setorial acadêmica	Cidade sede
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET) Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) Faculdade de Computação (FACOM) Faculdade de Direito (FADIR) Faculdade de Medicina (FAMED) Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FAMEZ) Faculdade de Odontologia (FAODO) Coordenadoria de Educação Aberta e à Distância (CED/PREG)	Campo Grande
Campus de Aquidauana (CPAQ)	Aquidauana
Campus de Chapadão do Sul (CPCS)	Chapadão do Sul
Campus de Corumbá (CPAN)	Corumbá
Campus de Coxim (CPCX)	Coxim
Campus de Nova Andradina (CPNA)	Nova Andradina
Campus de Paranaíba (CPAR)	Paranaíba
Campus de Três Lagoas (CPTL)	Três Lagoas
Campus de Bonito (CPBO)	Bonito
Campus de Naviraí (CPNV)	Naviraí
Campus de Ponta Porã (CPPP)	Ponta Porã

Quadro 01 – Unidades setoriais acadêmicas da UFMS

Fonte: UFMS, 2012

Além destas unidades acadêmicas, a UFMS possui os seguintes órgãos e unidades suplementares: Núcleo de Hospital Universitário, Núcleo de Informática, Base de Estudos do Pantanal, Hospital Veterinário, Fazenda Escola, piscinas, quadras, ginásios, Estádio Pedro Pedrossian, Teatro Glauce Rocha (UFMS, 2011a), Museu Arqueológico (MUARQ), Pantanal Incubadora Mista de Empresas, Empresa Júnior, Agência de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (APITT), e Escola de Conselhos (UFMS, 2012).

Com relação à oferta de cursos, dados apresentados no Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2014, indicam que a UFMS oferecia, à época de sua publicação, cento e dois cursos de graduação, dos quais noventa e quatro presenciais e oito à distância, e trinta cursos de pós-graduação, sendo vinte e dois de mestrado e oito de doutorado. (UFMS, 2011a)

Na cidade universitária de Campo Grande, são ofertados atualmente 58 cursos de graduação distribuídos nos Centros e Faculdades, dos quais apenas 18 são licenciaturas (ver Quadro 2). Os demais se constituem de bacharelados (33 cursos) e cursos tecnológicos (7 cursos).

Centro/Faculdade	Curso
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)	Ciências biológicas licenciatura (matutino)
	Ciências biológicas licenciatura (noturno)
Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET)	Química (modalidade segunda licenciatura)
	Física (matutino)
	Matemática (matutino)
	Química (noturno)
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)	Artes visuais - habilitação em artes plásticas (matutino)
	Filosofia (noturno)
	Educação física (matutino)
	História (noturno)
	Letras - habilitação em português/espanhol (matutino)
	Letras - habilitação em português/inglês (matutino)
	Música - habilitação em educação musical (noturno)
	Música - habilitação em educação musical (noturno)
	Pedagogia (integral)
	Pedagogia - habilitação em educação infantil (vespertino)
	Pedagogia - habilitação em primeiros anos do ensino fundamental (noturno)
	Programa especial de formação pedagógica de docentes para o ensino fundamental e médio em ciências sociais (integral)

Quadro 02 – Cursos de licenciatura ofertados pela UFMS – Campo Grande

Fonte: UFMS, 2011a

SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NA UNIVERSIDADE

A princípio, a universidade se constitui em local onde os conhecimentos, habilidades e valores são desenvolvidos em função da compreensão e solução de problemas da sociedade na qual faz parte. Contudo, como esta instituição, dotada de uma estrutura que fragmenta e especializa o conhecimento, pode realizar sua suposta função, dada a crise ambiental que acomete o século XXI?

Segundo Leff (2003), a crise ambiental é uma crise civilizatória e também crise do pensamento ocidental, e por isto, crise do conhecimento. É um “(...) questionamento

do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia com as quais a civilização ocidental compreendeu o ser, os entes e as coisas; da ciência e da razão tecnológica com as quais a natureza foi dominada e o mundo moderno economizado.” (LEFF, 2003).

Entendida desta forma, a crise ambiental “(...) não poderia encontrar uma solução pela via da racionalidade teórica e instrumental que constrói e destrói o mundo. Apreender a complexidade ambiental implica um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento.” (LEFF, 2003)

É então que o desafio da problemática ambiental se instaura na universidade:

se [esta instituição] de verdade quer retomar o seu papel de vanguarda na geração do pensamento e na formação de profissionais próximos à resolução de problemas relevantes da sociedade, requer abrir-se aos desafios da complexidade em termos cognitivos, o que implica a necessidade da sua transformação estrutural interna. (RIOJAS, 2003)

Riojas (2003) aponta, neste sentido, alguns níveis distintos nos quais trabalhar a complexidade ambiental na universidade:

Nível conceitual-paradigmático

É necessário rever o paradigma que impulsiona a construção do conhecimento e do currículo, que ainda se mostra gerador de compartimentalização e fragmentação. O que se vê atualmente é que a dimensão ambiental não é considerada como parte do objeto de interesse das disciplinas ou áreas de conhecimento, em geral. Em sua estruturação e conceitualização, o ambiente não é considerado como parte integrante.

A meta que se coloca, portanto, é a “[...] desarticulação do paradigma de conhecimento implícito em cada disciplina ou área profissional em questão e rearticular um conhecimento ambientalizado.” (RIOJAS, 2003).

Nível pedagógico-didático

Adequadas ao paradigma da simplificação do conhecimento vigente, a didática e organização curricular das universidades foram, da mesma forma, orientadas à especialização e fragmentação do conhecimento.

A fim de acompanhar a desarticulação paradigmática proposta, necessário se faz encontrar estratégias de ensino que estimulem a sensibilização, reflexão e interpretação da realidade ambiental complexa, incentivando a percepção das interrelações existentes entre os diversos campos do conhecimento.

Desta maneira, importante nos reportar à interdisciplinaridade e ao diálogo de saberes.

Nível ético-epistemológico

O processo de geração e construção do conhecimento também deve ser revista. A incorporação da dimensão ambiental neste contexto deverá passar “[...] pela integralidade da pessoa humana e pelo reconhecimento de diversas formas de conhecer, compreender e transformar a realidade.” (RIOJAS, 2003).

O desafio é, então, inserir a complexidade dos sujeitos, aceitar as incertezas do pensamento e considerar a integralidade dos sistemas da vida. (RIOJAS, 2003).

Nível organizacional

A estrutura organizacional da universidade também acompanhou o processo de fragmentação do conhecimento, adotando em sua composição setores agregando áreas específicas e afins por meio de departamentos e faculdades.

Além disso,

(...) as universidades formaram os seus quadros acadêmicos e administrativos desde um paradigma da simplicidade e da funcionalidade, que introjetaram uma inércia institucional que responde, não só à necessidade da reprodução da própria instituição, mas também ao perfil de trabalho dos sujeitos que operam a própria instituição. Dessa maneira, ainda que em algum setor da universidade – incluindo o dirigente – consiga entender a necessidade histórica de reconverter os seus paradigmas em outros que ofereçam maior possibilidade de compreender a complexidade, os quadros operativos e diretivos da própria instituição se passam a assumir uma resistência involuntária a essa mudança (...) (RIOJAS, 2003).

Podemos destacar também as consequências de sua vinculação política, do compromisso com a lógica de mercado e com o utilitarismo profissional. A incorporação da complexidade ambiental na universidade exigirá uma desconstrução de todos estes imperativos.

Desafios postos: seguem as tentativas de ação, as quais, apesar da complexidade que envolve, são várias e cada vez mais crescentes.

Neste caminhar, importante se faz acompanhar os passos para que consigamos saber se estamos progredindo e, em que direção.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo principal investigar a realidade socioambiental da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a partir de diagnóstico entre acadêmicos de dois cursos de formação de professores oferecidos no campus de Campo Grande: Ciências Biológicas e Pedagogia.

Entre os objetivos específicos elencamos:

- Realizar um diagnóstico socioambiental da Instituição a partir da aplicação do “Teste de Sustentabilidade” da Plataforma USP aos acadêmicos dos cursos participantes da pesquisa.
- Identificar a realidade socioambiental da Instituição na visão da comunidade acadêmica pesquisada.
- Investigar a realidade da inserção da Educação Ambiental na UFMS, campus Campo Grande, a partir da percepção dos envolvidos.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com acadêmicos de dois cursos de formação de professores oferecidos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Campo Grande, de duas diferentes áreas de conhecimento: Ciências Biológicas e Pedagogia.

O instrumento para a coleta de dados foi o “Teste de Sustentabilidade”, da “Plataforma USP – Informação, sensibilização e avaliação da sustentabilidade na Universidade” (PLATAFORMA).

O Teste proposto e disponível na Plataforma USP, criado no âmbito do projeto de cooperação entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Autônoma de Madrid, que teve início em 2009, foi construído participativamente, envolvendo diversos representantes das instituições envolvidas, e consiste em um questionário composto por duas partes:

- Parte 01 – O que você pensa sobre a sustentabilidade socioambiental de sua universidade?

[Nesta parte] o respondente pode avaliar o desempenho ambiental da instituição na qual trabalha ou estuda. Espera-se dele que identifique as iniciativas institucionais que promovem a sustentabilidade e revele o impacto das mesmas sobre a comunidade universitária. O propósito último do questionário é retroalimentar, junto aos administradores e gestores, os programas ambientais realizados pela instituição. (LEME, PAVESI, 2012)

- Parte 02 – Você, agente universitário sustentável!

[...] tem por objetivo estimular os respondentes a refletir sobre os próprios hábitos de consumo e o impacto ambiental das atividades cotidianas, sugerindo, ao mesmo tempo, possibilidades de contribuir coletivamente para a sustentabilidade universitária. (LEME, PAVESI, 2012)

Os temas investigados no Teste são: gestão ambiental; resíduos; água; esgoto; energia; mobilidade e acessibilidade; áreas verdes; compra verde, ética ou sustentabilidade; contaminação atmosférica; acessibilidade universal; educação ambiental; e compromisso socioambiental.

A análise dos dados teve uma abordagem predominantemente qualitativa sem, no entanto, excluir algumas proposições quantitativas.

O Teste de Sustentabilidade foi aplicado a turma do quarto ano de Ciências Biológicas: Teste realizado no dia 1 de fevereiro de 2013, participando 10 respondentes; e do terceiro ano de Pedagogia: Teste realizado no dia 07 de fevereiro de 2013, participando 14 respondentes.

A fim de criar um espaço mais receptivo à participação dos acadêmicos e garantir a realização do Teste, optou-se por reunir as turmas em uma sala de informática. Para estes dois grupos utilizou-se do Laboratório de Informática do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

RESULTADOS

A partir das respostas obtidas por meio do Teste, das opiniões e depoimentos deixados pelos acadêmicos ao final de cada uma das etapas e das manifestações feitas durante uma breve conversa entre pesquisadora e acadêmicos após a realização do Teste, pode-se criar uma estrutura de análise dos dados, os quais foram organizados em cinco grupos, de acordo com o contexto a que se referem.

Dentre os temas investigados, optou-se por analisar apenas as questões referentes à Educação Ambiental e Compromisso socioambiental.

Para subsidiar as proposições apresentadas a seguir serão apresentadas, a cada grupo de análise, algumas impressões emitidas pelos respondentes que podem nos fornecer indícios de como o(a) acadêmico(a) da UFMS se percebe, percebe o ambiente e se relaciona com ele.

Envolvimento, percepção, autoavaliação

O teste foi muito bom, deu para perceber o quanto não conheço sobre os assuntos ambientais presentes e/ou inexistentes do campus da qual faço parte. (Acadêmic@ de Pedagogia)

Gostei muito deste teste, só consegui perceber que não sei muito sobre a instituição em que estudo. (Acadêmic@ de Pedagogia)

Percebe-se que os acadêmicos se sentiram de certa forma desconfortáveis por não saberem responder a vários questionamentos: a maioria dos acadêmicos se deu conta de que não conhece a realidade socioambiental do *campus*, não buscam esta informação e também, por outro lado, esta realidade não é divulgada.



Figura 01 – Quantificação das questões respondidas com a alternativa “não sei”
Fonte: PLATAFORMA. Modificado por Ana Maria Almeida Rosa, 2013.

Ensino, currículo

Percebi que não possuo praticamente nenhum conhecimento sobre a educação ambiental, vejo que é necessário mais investimento nesse tema principalmente dentro da UFMS, pois eu como futura educadora sinto a necessidade de adquirir conhecimento sobre este tema para que eu possa propiciar este conhecimento específico às crianças/ alunos. (Acadêmic@ de Pedagogia)

A gente fica muito fechada no nosso próprio curso, nas nossas aulas, isolados. Não há interação entre os cursos. Se eu quisesse fazer uma disciplina em outro curso eu não conseguiria. (Acadêmic@ de Pedagogia)

A Universidade deve promover mais essa discussão principalmente incluir matérias obrigatórias no curso de Pedagogia. (Acadêmic@ de Pedagogia)

Sim, gostei do teste ele me fez pensar em um tema que faz parte do currículo do meu curso e eu nem tinha parado para pensar. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Vemos aqui uma preocupação com a formação acadêmica e profissional dos estudantes e a relação com a inserção do tema da sustentabilidade socioambiental nos currículos.

Com relação à forma de inserção da temática na Instituição, pode-se identificar dois posicionamentos relevantes:

- Formação socioambiental associada à existência de disciplina (ver Figura 02)
- Abertura e busca da interdisciplinaridade, enxergando a fragmentação e a especialização como uma realidade a ser vencida.

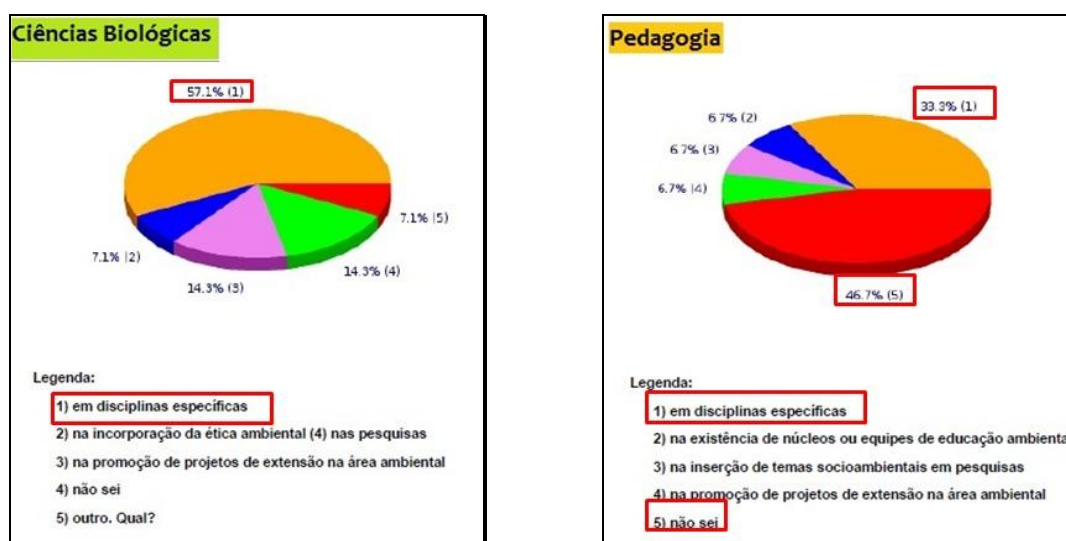


Figura 02 – Respostas à pergunta: Onde/quando a formação socioambiental está presente no *campus*?

Fonte: PLATAFORMA. Modificado por Ana Maria Almeida Rosa, 2013.

Extensão

A gente tentou fazer uma ação. Era para comemorar o dia do Meio Ambiente. Iríamos fazer um mutirão para recolher lixo do córrego próximo da UFMS. Mas choveu no dia programado. Não deu para fazer. Passou o tempo e não tentamos de novo. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Gostei sim do teste, me fez enxergar o que pode ser mudado e melhorado na universidade, que a iniciativa não precisa vir somente dos representantes máximos desse órgão público, mas sim de seus integrantes também, e nós como alunos poderíamos fazer algo para que esse quadro mudasse. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Acredito que testes como este podem ajudar os acadêmicos a procurar saber mais sobre essas ações na universidade e tomar iniciativa de buscar criar e ou ampliar certas ações e também

expandir para fora do campus, levando para toda a sociedade. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Trouxe muitas informações valiosas, e nos deixa com vontade de saber mais de fazer algo para que esta situação mude, infelizmente não depende só de nós. (Acadêmic@ de Pedagogia)

Percebe-se que a vontade de promover ações pró-ambientais existe por parte dos(as) acadêmicos(as), mas às vezes é pensada de maneira ingênua, pontual, e não recebe o devido apoio e incentivo.

As respostas do Teste indicam que os Centros Acadêmicos podem ser considerados como possíveis espaços para articulação de ações de inserção da educação ambiental no *campus*.

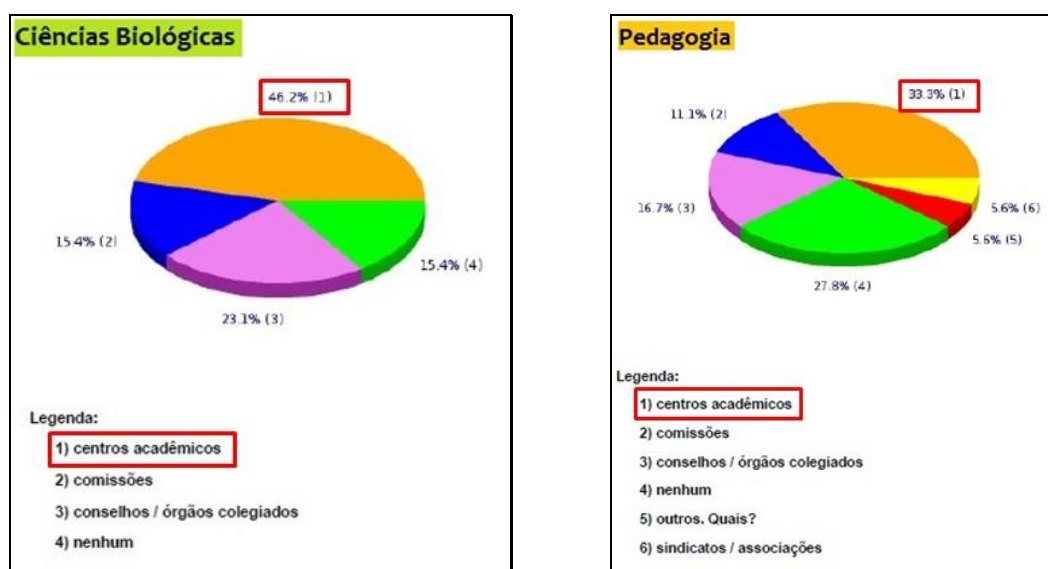


Figura 03 – Respostas à pergunta: Em quais dos seguintes espaços existe a possibilidade de participação na tomada de decisões sobre temas socioambientais do *campus*?

Fonte: PLATAFORMA. Modificado por Ana Maria Almeida Rosa, 2013.

Gestão

Eu não acredito que a UFMS não tenha nenhuma iniciativa neste sentido. O fato é que eu não conheço nada. Acho que as ações não são divulgadas. (Acadêmic@ de Pedagogia)

Sim, me ajudou a perceber o quanto a UFMS, não se preocupa tanto com as questões ambientais quanto deveria... (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Sim, o teste mostrou muitos pontos em que acredito que tenho falhado ou a própria estrutura e organização da universidade está falhando. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Eu particularmente, não havia me atentado sobre a sustentabilidade da faculdade, percebi que realmente não há ou não havia iniciativas para orientar os acadêmicos sobre isso e talvez até ajudá-los em sua

formação, tomara que esse seja o primeiro passo de muitos para mudar a péssima realidade da UFMS! (Acadêmic@ de Pedagogia)

Em um momento no qual a sustentabilidade ambiental é pauta em diversos contextos, impossível pensar que estaria fora da universidade e fora, especificamente, da UFMS. Esta parece ser a reflexão de alguns/algumas acadêmicos(as).

Desta forma, é colocado como imprescindível que, de fato, a UFMS realize algumas ações de gestão ambientalmente direcionadas. A questão é que estas ações não são valorizadas no *campus* a ponto de serem amplamente divulgadas à comunidade acadêmica como um todo.

Relação com outra Instituição de ensino

A USP é tudo isso mesmo? (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Com relação às iniciativas da USP, serviu para nos mostrar que a teoria pode virar prática. (Acadêmic@ de Ciências Biológicas)

Durante o Teste, e também em outros links da Plataforma Sustentabilidade, são apresentadas ações pró-ambientais já executadas por outras Instituições de Ensino Superior integrantes do projeto: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Autônoma de Madrid (UAM), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), entre outras.

O fato de visualizar, de forma organizada e conjunta, as várias ações concretas desenvolvidas nos *campus* e, o contraste de não conhecer a realidade da UFMS, colocou a acadêmica na posição de tal questionamento.

Por isso, também, a importância do diagnóstico da UFMS: para que seja possível ter uma visão global da situação do *campus* e para que consigamos ter um parâmetro, sendo possível comparar a instituição com outras e, principalmente, acompanhar seu próprio desempenho e planejar ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do diagnóstico e a análise dos resultados nos fez, cada vez mais, acreditar na importância do investimento nesta própria ação de autoconhecimento – o diagnóstico, e na busca pela inserção da educação ambiental na Instituição.

Pode-se perceber o quanto a formação dos acadêmicos, futuros professores, está frágil no que se refere à percepção e compreensão da complexidade ambiental.

Frente à esta realidade, importante se faz reforçar a concepção e a busca de uma Universidade como um espaço educador sustentável.

REFERÊNCIAS

BENAYAS, J.; ALBA, D.; SÁNCHEZ, S. La ambientalización de los campus universitarios: El caso de la Universidad Autónoma de Madrid. *Ecosistemas – Revista Científica y Técnica de Ecología y Medio Ambiente*. Madrid – Espanha, ano XI, n. 3. 2002. Disponível em: < <http://www.revistaecosistemas.net/pdfs/266.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer homologado sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 jun. 2012a.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 15 jun. 2012b.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Mapeamento da Educação Ambiental em Instituições Brasileiras de Educação Superior: elementos para políticas públicas*. Brasília, 2007. (Documento Técnico)

JUNYENT, M.; GELI, A. M.; ARBAT, E. Características de la Ambientalización Curricular: Modelo ACES. In: GELI, AM., JUNYENT, M., SÁNCHEZ, S. Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores. Girona: Universitat de Girona - Red ACES. *Diversitas*, v. 4, n. 49, p. 305-319. 2004. Disponível em: < <http://bibliotecnica.upc.es/e-ambit/punt/docs/Cap1.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2009.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, H. (Coord.) *A complexidade ambiental*. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

LEME, P. S., PAVESI, A. A Plataforma da Sustentabilidade como base para a construção coletiva de comunidades universitárias solidárias e sustentáveis. In: LEME, P. C. S., PAVESI, A., ALBA, D., GONZÁLEZ, M. J. D. (Org.). *Visões e experiências ibero-americanas de sustentabilidade nas universidades*. 2012. Livro. Disponível em: < <http://www.projetosustentabilidade.sc.usp.br/index.php/Biblioteca/Documentos/Universidades-Sustentaveis/Visoes-e-Experiencias-Ibero-Americanas>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

PAVESI, A.; FARIAS, C. R. O.; OLIVEIRA, H. T. Ambientalização da educação superior como aprendizagem institucional. *Com Scientia Ambiental*, v. 1, p. 1-14. 2006. Disponível em: <<http://www.comscientia->

nimad.ufpr.br/2006/02/acervo_cientifico/outros_artigos/artigo_sandra_pavesi.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2010.

PLATAFORMA "Informação, sensibilização e avaliação da sustentabilidade na Universidade". Disponível em: <<http://www.projetosustentabilidade.sc.usp.br/>>. Acesso em: 21 nov 2011.

RIOJAS, J. A complexidade ambiental na universidade. In: LEFF, H. (Coord.) *A complexidade ambiental*. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, D. T. *Olhando para dentro*: um enfoque qualitativo da comunicação interna e da cultura organizacional na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, SP, 1995.

SOARES, A. M. D.; OLIVEIRA, L. M. T. de; ESTOLANO, L. C. C.; CAVALCANTE, D. K.; PIMENTEL, S. dos S. *Formação Universitária e desafios contemporâneos: que ambiente queremos construir*. In: I Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos e Galícia, 2007, Santiago de Compostela. Anais do I Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países Lusófonos e Galícia. Santiago de Compostela: CEIDA-USC, 2007. v. 01. Disponível em: <http://www.ceida.org/CD_CONGRESO_lus/documentacion_ea/comunicacions/EA_e_Universidade/DantasSoares_AnaMaria.html>. Acesso em: 04 fev. 2010.

UFMS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. *Autoavaliação Institucional da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS*. Relatório – Ano 2011. UFMS: Campo Grande, 2012.

UFMS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2010/2014*. UFMS: Campo Grande, 2011a.